

PALAVRA RECURSO BASILAR DO EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA: observações a partir da vivência etnográfica PIBID

Paloma Batista Silva – Bolsista PIBID-CAPES
Departamento de Estudos Linguísticos e Literários (DELL)
Curso de Letras – UESB *campus* Vitória da Conquista/BA

Fernanda de Castro Batista Coelho (Orientadora)
Profa. Dra. Orientadora - Departamento de Estudos Linguísticos e Literário (DELL)
Programa de Pós-graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens (PPGCEL)

RESUMO

Neste trabalho, defendemos a necessidade do desenvolvimento de um trabalho docente mais interativo e atento às discursividades que atravessam o cotidiano da sala de modo a motivar os alunos a participarem ativamente desse espaço interacional conduzindo-os a serem sujeitos atuantes da e na linguagem. Assim sendo, trazemos aqui resultados parciais de uma pesquisa qualitativa de natureza etnográfica em curso no âmbito do *Núcleo Linguagens PIBID* (Programa de Iniciação à Docência – CAPES) *Letras UESB* que se fundamenta na construção e desconstrução do conhecimento no espaço escolar, partindo de uma perspectiva discursiva - interativa suscitada através do uso da palavra, isso porque compreendemos que "ao intercambiar a palavra, os sujeitos aprendem a participar de contextos dialógicos diversificados" (COELHO, 2011, p.53), desta forma, a atuação do professor e o que ele faz por meio da palavra é primordial, pois através de sua mediação que os alunos se entendem sujeitos da linguagem.

Palavras Chaves: Palavra, discurso, professor e motivação.

1. INTRODUÇÃO

Entendendo a palavra como defendem Coelho e Souza (2012, p.3) como "propulsora de interações discursivas em sala de aula e como instrumento pelo qual os sujeitos se tornam indivíduos sociais", compreendemos a importância de o professor assumir-se como um mediador da palavra em sala, uma vez que os alunos são sujeitos da linguagem que precisam se autoperceber como tal, daí a necessidade de se vislumbrar o uso da língua como uma habilidade que precisa ser sistematizada na escola, afinal como pondera Coelho (2011) é somente na escola que alunos apreendem formalmente o lugar da palavra nos ambientes sociais.

Para que essas reflexões acerca da mediação formativa da palavra sejam experienciadas é de extrema importância a função sociointeracional do professor, uma

das pontas do par interlocutivo (professor-alunos) sem o qual não existiria o gênero discursivo aula. À figura discursiva do professor cabe o planejamento da aula e o agenciamento de todas as trocas interacionais que fazem a aula acontecer, o que implica o compromisso de conduzir os alunos a se verem como sujeitos da linguagem, já que tudo que acontece em sala e, também fora dela, se dá no entorno da palavra, daí a premissa bakhtiniana de que a palavra é o *lócus* de acesso ao outro.

Assim, os atos e atitudes, ou seja, as tomadas de posições assumidas pelos discentes, em sala, se alicerçam nas palavras, posto que esta é "algo que germina no solo da necessidade básica do ser humano de se comunicar e que é fertilizado sob o solo da organização hierarquizada das relações sociais "(COELHO; SOUZA, 2012,p.1).

Deste modo, fazer um bom uso da palavra nas situações enunciativas otimiza sua participação nos espaços sociais.

Segundo a fala de Fiorin, na entrevista a UNIVESP TV "cada ser humano é um ser social e individual" que se apresenta a si mesmo e aos outros por meio da palavra, visto que esta além de possibilitar que os indivíduos participem ativamente dos espaços dialógicos, também orienta a construção de identidade enquanto sujeitos sociais, pois como enuncia Bakhtin (1999), os textos sempre ecoam uma polifonia de vozes, que são construídos socialmente por meio do discursos de todos os sujeitos e o uso da palavra possibilita aos sujeitos participarem desses contextos discursivos, pois "ao intercambiar a palavra, os sujeitos aprendem a participar de contextos dialógicos diversificados, o que fazem (re) construindo identidades em uma rede de relações sociais e pessoais que se efetivam, preponderantemente, em torno da *palavra*" (COELHO, 2011, p. 54).

2. MÉTODOS

Partindo do pressuposto que a escola como um todo, e a sala de aula em especial, é um espaço de vozes distintas, no qual a aprendizagem se dá pelas trocas dialógicas, posto que este seja um ambiente social onde a aprendizagem se efetiva em conjunto, mediada pela ação do professor, fomos ao colégio campo de pesquisa para a vivência etnográfica (ERICKSON, 1973, 2005) dos contextos dialógicos dos quais os alunos participam e integram na unidade escolar, observando, pois, como eles fazem uso da palavra para se posicionarem discursivamente nesses espaços.

A pesquisa qualitativa (FLICK, 2005), em curso há mais de seis meses, teve início com um mapeamento de todos os espaços da unidade escolar (corredores, pátio, cantina, diretoria, secretária, sala de professores, biblioteca, sala de informática), nesse primeiro contato com esses espaços, observamos como se davam as trocas verbais e as posturas dialógicas assumida pelos alunos nesses diferentes ambientes institucionais.

Após esse primeiro contato com a escola, partimos para a observação da sala de aula, que se deu em uma sala de primeiro ano do ensino médio, com uma turma de 25 alunos com média de faixa etária entre 14 e 16 anos, estando todos na turma regulares (idade adequada para a série). Os alunos, em sua maioria, eram comprometidos com as atividades e os prazos estabelecidos pelo professor. Quanto à relação que eles estabeleciam entre si, pudemos observar que se tratava de uma relação muito amigável e produtiva, havia um coleguismo, um sentimento de pertença ao grupo, muito forte entre eles, o que não excluiu a existência de "grupinhos" na turma, muito comum nessa fase da adolescência, todavia todos se relacionavam bem.

Ainda sobre os alunos, constatamos que eles eram muito participativos, sempre interagiam nas aulas, entretanto o nível e a qualidade dessa interação variavam muito a depender do professor que estivesse ministrando a aula. Então, percebemos através dessa vivência etnográfica, que o perfil da turma é influenciado diretamente pela postura mais (ou menos!) dialógica do professor, visto que, o perfil dos sujeitos em sala variava a depender do docente à frente da interação didática, assim sendo o domínio de conteúdo, dos recursos midiáticos e de diferentes metodologias não garantiam que a aula fosse boa ou até mesmo que os alunos aprendessem.

Para conseguir esses resultados, de acordo ao que foi observado, era/é necessário que o docente tenha além dessas ferramentas, o domínio da palavra, uma vez que este é o principal recurso didático que o professor tem em mãos, recurso sem o qual o gênero discursivo aula não se efetiva. Por isso, podemos dizer que "o professor é responsável por manter a dinamicidade das trocas verbais" (COELHO, 2011,p.51) e por fazer com que a aula aconteça, pois, é pela mediação do professor que os sujeitos que estão em sala se sentem participantes desse espaço, além de se verem, também, como sujeitos ativos que (re)constroem, em conjunto, através das trocas dialógica, seu conhecimento reelaborando-o coletivamente. Manifestando, assim, por meio de tomadas de posições sua identidade, visto que as posições que os sujeitos assumem dizem respeito ao que eles são, ao que constituem suas múltiplas identidades.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Quando se coloca em pauta a importância das interações verbais e não verbais que ocorrem na aula, partimos para a construção da identidade dos "eus" existentes nos contextos escolares, que é outro aspecto de suma importância, trabalhado através das interações discursivas, que nos possibilita (re) pensar a construção da identidade de cada sujeito, haja vistas que nas atitudes e tomadas de posições assumidas em sala, eles estão manifestando dialogicamente suas identidades assumidas e reconstruídas neste ambiente interacional, isso porque

no convívio diário em uma sala de aula, diferentes sujeitos empíricos vão (re) construindo suas *identidades* em função do modo como se comportam e têm seus comportamentos (auto) (e pelos outros) avaliados (COELHO, 2011, p. 18)

Assim sendo, trabalhar com a língua é de suma importância para o desenvolvimento dos alunos no processo de ensino aprendizagem, uma vez que o processo dialógico estabelecido em sala possibilita a mostra de posições dos alunos, como pontua Fiorin no vídeo "a língua que o individuo fala constitui [...] sua própria identidade", por isso, o trabalho nas instituições sociais se faz tão importante, pois viabiliza o amadurecimento das ações desempenhadas pelos alunos, fazendo-os refletir acerca do que é identidade que segundo a leitura que Coelho (2011) faz de Holland *et al* (1998, p. 5) pode ser definida " tanto como "projeções de *self* em mundos de ação, produtos sociais" quanto "chaves através das quais as pessoas se ocupam e cuidam do que está acontecendo ao redor delas."

Tudo isso tem nos permitido afirmar que a palavra é o recurso basilar do professor, uma vez que possibilita e orienta o estabelecimento dos seguintes pares interlocutivos professor/aluno, professor/alunos possibilitando tomadas de posições pelos discentes nos pares interacionais aluno/professor e aluno/aluno no curso de suas ações e reações no contexto dialógico da sala de aula, que se efetivam por intermédio de trocas verbais e não verbais.

Consoante a essa reflexão acerca do papel da palavra em sala, enquanto principal recurso didático do professor, seguem-se registros fotográficos de nossa vivência etnográfica que captam instantes de agenciamento da palavra pela bolsista PIBID em sua iniciação à docência desempenhando o papel sociointeracional de professora com seus pares interlocutivos: os alunos da sala, com os quais vivenciou a experiência de

observação etnográfica. Como as imagens registram, tudo que " os sujeitos fazem, ou são capazes de fazer, em sala de aula, fazem, sobretudo, por meio da palavra ou com vistas a ela " (COELHO; SOUZA, 2012,p.1).



Foto 01: A palavra é o recurso didático primordial do professor



Foto 02: Sala de aula, ambiente interacional, no qual o aprendizado se processa através das trocas dialógicas.



Foto 03 e 04: A manifestação do "eu" que se dá por intermédio das tomadas de posições dos alunos nas situações-problema aos quais se deparam nos espaços dialógicos do trabalho em grupo.





Fotos 05 e 06: É na escola, no convívio com o outro, que os alunos aprendem a agenciar a palavra



4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar o agenciamento da palavra em sala sobre a perspectiva discursivo-interacional permite o trabalho com o pressuposto de que o gênero discursivo aula se orienta e, portanto, sustenta na troca da palavra entre os sujeitos que na sala de aula assumem as identidades de professor e alunos.

São as trocas discursiva entre os sujeitos que se munem da palavra e também dos silêncios que nos fazem sujeitos da linguagem. A sala de aula é um contexto interacional didático genuíno para nos repensarmos e reconstruirmos sujeitos da linguagem, daí o papel central do professor de agenciador da palavra e responsável pelo estabelecimento de uma atmosfera interacional centrada no dialogismo.

O professor é o profissional que tem a palavra como seu principal recurso de trabalho, recurso esse que lhe permite fazer uma ponte didática entre si e os alunos, na qual ambos possam sempre e cada vez mais ir e vir nesse eterno caminhar que a palavra nos possibilita.

5. REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M., VOLOCHINOV, V. N. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec. 1999.

COELHO, Fernanda de Castro Batista. **A construção identitária e(m) comportamentos na sala de aula: o agenciamento da palavra em dois grupos: um alemão e um brasileiro**. 2011. 266f. Tese (Doutorado em Linguística e em Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte. Disponível em: http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Letras_CoelhoFCB_1.pdf

COELHO, Fernanda de Castro Batista; SOUZA, Ester Maria Figueiredo. Aula de português: palavras e contra-palavras (2012a). In: **Anais II SIELP - SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS EM LÍNGUA PORTUGUESA**, maio 2012, Volume 2, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2012, p.1-11. ISSN 2237-8758. Disponível em: <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/pt/arquivos/sielp2012/905.pdf>

ERICKSON, Frederick. Studying Side by side: collaborative action ethnography in educational research. In: SPÍNDLER, George; HAMMOND, Lorie (Org.). **Innovations in Educational Ethnography: theory, methods and results**. Lawrence Erlbaum Associates, 2005. p. 235-258.

ERICKSON, Frederick. What makes school ethnography “ethnographic”? **In: Council on Anthropology and Education Newsletter/Antropology & Education Quarterly**, v.4 (2). Washington, 1973, p. 10-19.

FIORIN, José Luiz

Teste de preconceito José Luiz Fiorin fala da polêmica sobre o livro didático "Por uma Vida Melhor. YouTube, 24 de maio de 2011.

Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=o7OINhxLrOgIIOhTo&feature=>

related> Acesso em: 07 abril . 2013

FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 1ª. ed. Porto Alegre: Bookman, 2002. 312p.